

I

«Nenhum romantismo, apenas impiedade. Nada de heróico. Desconfio dos heróis, são necessários, mas são mais úteis duas mãos capazes de empunhar uma arma. O mundo constrói-se com sangue. Podemos oferecer-nos, mas o dos outros ultrapassa sempre o das nossas veias abertas. É preciso aprender a usá-lo. Preservamos o nosso e utilizamos o que estiver disponível.»

Em sessenta e oito viajara para Paris. Maio. Regressaria a África de aí a dois meses. Fizera duas comissões, Angola e Moçambique, a partida para a terceira estava marcada para Julho. Não tivera dificuldade em obter a licença, o regime confiava nele, não havia razões para duvidar da sua fidelidade. Era um dos deles, ele próprio não duvidava disso. Sabia o que pretendia. A viagem era um privilégio, aceitava-o. Poderia ter ido para Itália, Roma, Florença, e talvez nada tivesse mudado. Teria regressado a casa ao fim de duas semanas e ficado a aguardar a data de embarque para Angola. Era a única coisa que lhe importava. África. Escolhera Paris. Partira na segunda semana de Maio. Quando chegara, as ruas estavam em convulsão. No início, ficara estupefacto, observava sem compreender. Já lá estivera antes, mas não reconhecia a cidade. O tempo transformava-se diante dos seus olhos. Conseguia senti-lo. Cheirava a tabaco, a perfume, a transpiração, cheirava a gasolina e a borracha queimadas, cheirava ao interior das saias das raparigas.

«Cheirava a vinho, cheirava a *café crème*, cheirava a adultério.»

Calou-se e levantou a cabeça. Olhou em volta, sério, como se pretendesse medir a densidade do ar. A resistência, os movimentos de

superfície e as correntes profundas. Disse que sabia ser tentador mitificar o passado, não o faria. Não precisava.

«Basta ser objectivo. Vivia-se no próprio tempo do mito.»

Era visível. Nas ruas, nas pessoas, nos jornais, a história rasgava-se, deixando exposto o interior. Via-se tudo. Não havia pudor. Nada do que acontecia dizia respeito à racionalidade de quem pondera diferentes opções. Era uma necessidade. Um tempo de heróis profanos, uma festa para a qual era preciso fazer-se convidado. Forçar a entrada, se fosse necessário. Passava as noites na rua. Ia ao hotel para dormir umas horas, mudar de roupa, regressava ao *Quartier*. Ignorava os museus, as lojas, os restaurantes. Tudo o que o trouxera a Paris desaparecia por detrás do tumulto, das cargas policiais, dos gritos. A tensão sobrepunha-se à vontade. Uma forma de fome. Não da boca, mas dos olhos. Uma falta que nenhuma imagem poderia preencher. Era preciso tocar, avançar as mãos, o corpo inteiro, se necessário, e confirmar que o que se via era verdadeiro. Não tomava partido. Vigia os polícias que vigiavam os revoltosos. Reconhecia-lhes os olhos, tolhidos pelo dever. Observava como do outro lado se erguiam barricadas, se incendiavam viaturas, se arrancavam pedras da calçada e se atacava a autoridade. Não sabia o que queriam. Talvez eles mesmos não o soubessem. Teriam alguns motivos, mas não precisavam de causas. Bastavam-lhes pretextos. Havia descoberto o prazer da violência, aprendiam a usá-la.

«Tinham vinte anos. Ignoravam o que poderiam perder.»

Sentia-se velho diante deles. Aos vinte e oito, não desconheciam o que havia do lado de lá. O que havia de ambos os lados. Sabia que estar de um lado ou do outro era apenas uma questão de circunstância, nunca de natureza. Olhava para aqueles que se entrincheiravam e não conseguia deixar de os ver como o que eram, filhos-família que rejeitavam as regras e a moral, mas não o nome e os privilégios. Em África, matava-se e morria-se. Ali, era uma guerra de faz-de-conta, uma encenação, na qual cada um cumpria um papel apenas esboçado. Haveria entrega e excitação, mas não passava de um simulacro. As balas eram de borracha, os canhões projectavam água. No final do dia ou ao princípio da manhã, os participantes regressavam a casa. Uma farsa, de facto. E, no entanto, era fascinante.

«É proibido proibir.»

Não se recordava se o lera à época ou só mais tarde. Talvez tivesse ouvido contar. Seria indiferente. Custara-lhe dar-se conta do que significava. Era uma forma de poder. Uma provocação. Proibia tanto quanto qualquer proibição. Mas era arrogante. Surpreendia-o a fé que manifestavam no poder das palavras. As frases gritadas nas manifestações, os cartazes que apelavam à luta. Interrogava-se se alguém acreditava no que escrevia. Se aqueles que liam acreditavam. Ele permanecia céptico. Não lhe eram dirigidas e importava pouco o que diziam. Não tinha com quem o discutir.

Comprava os jornais e sentava-se num café. O *Le Monde*, o *Le Figaro*, o *Le Parisien*. O *L'Humanité*. Cada um contava a sua versão. Nenhuma coincidia com o que ele próprio vira. Com o que ouvia em volta. Também eles se esforçavam por explicar o que estava a acontecer. Os protestos, a violência. As ocupações. A cidade começava a ficar paralisada. O metro encerrara, em greve. Os autocarros não circulavam. Os museus tinham as portas fechadas. Corriam rumores de que a polícia teria atirado os corpos de estudantes mortos para o Sena. O Eliseu seria assaltado pelas brigadas comunistas. O governo preparava-se para enviar o exército com carros de assalto. Ninguém sabia o que poderia ocorrer. Ele ainda sabia menos. Sentia-se estrangeiro. E não se tratava apenas da nacionalidade.

Introduzia-se no Odéon e seguia as discussões. Estavam todos contra todos, nem sequer de acordo quanto ao que recusar. Esforçava-se por entender quem é que lutava contra quem, em nome de quê. Demorara a decidir qual era o seu lado. Perturbavam-no as certezas de uns e de outros, perturbava-o a própria ideia de discussão, sentia-se impotente. Em África, tinha compreendido que o mundo não era a preto e branco, que não havia de um lado a civilização e do outro a barbárie, de um lado a verdade e a virtude, do outro o erro e o vício. Sabia que, onde quer que se deparasse com uma oposição, a única resposta lúcida seria tomar a terra de ninguém, colocar-se à margem sem se comprometer. Mas acabara por reconhecer que tinha de fazer escolhas. Ficar de fora seria sempre sujeitar-se às decisões dos vencedores. Escolher não era a opção mais inteligente, era a necessária. Ou se estava com uns ou se estava com os outros. E não porque de um lado estivesse a verdade e do outro o erro, mas porque escolher evitaria que o sangue se fizesse pântano. Era preciso conduzir

o caudal. Se rasgada no sítio certo, uma pequena falha bastaria para desviar a corrente.

«Umaz vezes fracassa-se, noutras tem-se êxito. Noutras o sangue seca antes de atingir essa falha.»

Confirmou que eu olhava e apontou para a janela. Ao fundo, sobrepostos, cruzavam-se dois viadutos. Por baixo, uma rotunda rodeava os pilares e onde confluíam as rampas de acesso da auto-estrada. Disse que gostava do fluir do tráfego e do modo como a rotunda distribuía o trânsito e regulava o movimento. Apesar dos sentidos obrigatórios ou proibidos, das perdas de prioridade, cada um poderia sair onde quisesse. O tempo seria o que se soubesse fazer dele. Inspirou devagar, humedeceu os lábios e prosseguiu. Tentara ter presente que o preto e branco não passava de um recurso de idiotas ou de desesperados. Seria possível simular a revolta, mas manter-nos-íamos do lado do poder.

«O poder alimenta, protege, confirma, recompensa. Sustenta os traidores. Paga mal, tarde, mas nunca defrauda. Se é arbitrário, é-o o suficiente para que se possa acreditar que é possível fazer parte dos escolhidos. Não há um nós e um eles, apenas um nós.»

Há muito que o compreendera. Se acabara por detrás de uma barricada, era apenas porque havia barricada. Porque era preciso escolher.

«Nunca se sabe qual é o lado certo da história. Qual o lado errado da barricada.»

No regresso a Portugal, comprovara qual era o seu. Não havia lugar para a neutralidade. Mais tarde, sob a ameaça da normalização, assumira-se como defensor da barricada. Defensor não de um dos lados contra o oposto, mas da própria barricada. Do eixo sobre o qual a história poderia bascular, oscilando o suficiente para duvidar de si mesma. Era essa a sua utilidade. Um obstáculo para uns, uma protecção para outros, mas sobretudo um espaço de perturbação.

«É possível estar de um lado ou do outro, mas é difícil permanecer sobre ela.»

Essa era uma terra exposta que ninguém respeitava e ninguém protegia. Era-se suspeito para uns e para outros, atingido por todos. Acabara por não querer saber de princípios ou de ideologias. Era claro quem estava de que lado, não importavam os motivos, a força ou a fraqueza, importava que havia um lado e havia o oposto, e que entre

os dois se abria um abismo em forma de cunha. Bastaria bater, aprofundando o orifício, e introduzir um pedaço de madeira. Humedecê-lo e esperar que o tempo fizesse o seu trabalho. Despedaçar a história como se extraíam os blocos de mármore. A barricada era a cunha. Era necessário humedecê-la, ser paciente e vê-la dilatar-se. Acabaria por ceder, tal como em África cediam as coxas das negras renitentes.

«Contorciam-se, gritavam, mordiam, mas saíam satisfeitas.»

Não perguntava o que sentiam. Bastava que lá estivessem. Corpos opacos e carne capaz de ser agredida. Calou-se e levantou a cabeça. Olhou em volta, sério. A janela, o verde das paredes, a porta entreaberta, através da qual se filtrava o som do edifício. Passos, vozes, dispositivos mecânicos. Fixou-me. Prosseguiu. Se a barricada era a cunha, o sangue era o líquido que a faria expandir-se. O suficiente que permitisse à terra ficar encharcada. Aquele que desse à madeira o volume necessário para forçar a história. Era esse o sentido da barricada. A irrupção do caos no reino da ordem, o choque, a perturbação, o chão abalado pelo peso dos pés. Por um momento, suspensas a lei e a gramática, a língua amalgamava-se para formar uma única palavra,

«Não.»

Um não que era a soma de toda a repressão que o medo, o poder e a moral haviam acumulado.

«Não, não e não.»

A boca ossificada num movimento obsessivo, os lábios e a língua que se erguiam da coacção da carne para dizerem não ao próprio não. Não contra a prepotência de quem proíbe, não contra a condescendência de quem autoriza. Nunca seria suficiente que o poder do momento permitisse o protesto, um não autorizado era um não castrado, esgotava-se em si mesmo como uma mula estéril. Era preciso devolver o não a quem o autorizava. Olhá-lo nos olhos, desautorizá-lo, numa recusa sem recuo. Era essa a eficácia da barricada, um traço atravessado no fio da história. Poder-se-ia ceder e recuar, mas saber-se-ia que era uma cedência, permitindo medir o terreno perdido. Se se avançasse, a barreira marcaria a parede contra a qual, recuando, se ficaria encurralado. Restaria queimar os barcos e avançar. Depois de uma barricada, haveria outra, cada traço no trilho era um ponto de passagem, mas muitos acabavam por achar confortável a protecção

da trincheira e não se davam ao trabalho de prosseguir, sequer de ultrapassar. Toda a energia que algum dia pudessem ter tido fora consumida na sua construção. Faziam trabalhos mínimos de manutenção, mas seriam incapazes de a reerguer ou de a mudar de lugar. Já se encontravam, sem se darem conta, do lado oposto da barricada, seria contra eles que o tempo iria investir. Estavam marcados como os próximos alvos, seria deles o sangue com o qual se hidrataria a cunha. Merecê-lo-iam. Poderia citar alguns nomes, tinham falhado de forma vergonhosa, todos incapazes de fazer o que fora necessário. Bastara uma hesitação, um recuo que se supusera estratégico, mas que se revelara definitivo. Já não haveria força para repor o que se perdera, já não haveria a oportunidade, a determinação, a cegueira necessárias para avançar sem fazer perguntas, para aceitar as perdas em nome dos ganhos, para hipotecar a carne em nome da alma, ou ao contrário. Tudo o que se obtivera fora mais uma concessão do que uma conquista. Seria tentador confiar na astúcia da história, mas, por detrás, talvez mais persistente do que a dela, projectava-se a astúcia do poder. Este dissimulava-se e reproduzia-se, questionava-se para melhor se justificar. Tratava-se sempre de saber o que fazer com a miséria dos outros. De saber como a usar para acumular força e autoridade.

«Muitos miseráveis juntos formam um exército temível. Mas a fome e a humilhação são individuais, é necessário transformá-los numa causa comum. Dar-lhes um rosto, um nome, tornar igual o que é diferente. É a mesma pergunta para tiranos e para revolucionários. O que fazer com o exército de miseráveis. Ameaçá-los ou prometer-lhes a liberdade. Emancipá-los ou reprimi-los. O resultado é o mesmo, afirmar-se o poder. O de quem oprime ou o de quem liberta. O de quem rouba.»

Só mais tarde tomara consciência disto. Naqueles dias, diante do gás lacrimogéneo e do fumo das viaturas incendiadas, compreendia que chegara a Paris no momento certo. A Paris, à história, à sua própria vida.

«É preciso agarrar o século. Tomá-lo entre as mãos, sentir-lhe o peso, o sabor. Respeitá-lo, desafiá-lo, destruí-lo. Ver como se verga à nossa vontade.»

Lembrava-se de subir o Boulevard Saint-Germain num fim de tarde. Chovia, avançava de cabeça descoberta. Estava encharcado quando chegara ao Boulevard Saint-Michel. Havia lixo nos pas-